

Presença afro no universo religioso brasileiro¹

Ari Antônio dos Reis² e Luis C. Mello³

I - Fenômeno Religioso

Uma compreensão comumente difundida de fenômeno religioso refere-se à manifestação socializada da religiosidade humana. É fenômeno religioso o acontecimento que tem sua especificidade na atividade religiosa do ser humano e que incide na sociedade. Contudo, o conceito é limitado para abarcar toda a riqueza e dinamicidade da ação humana. O tema que ora está em discussão se reveste de uma complexidade ainda maior. A referência à experiência religiosa de um povo se desvela marcada pelo mistério. Aquilo que o referencial lingüístico pode descrever é uma parte deste manancial misterioso de onde fluem constantemente novos desafios em termos de interpretação. Sabe-se que não se capta tudo o que se refere à experiência religiosa. Esta constatação permite suspeitar de um referencial que se outorgue a tarefa de compreender positivamente as manifestações religiosas colocadas sob um processo investigativo. Seria uma atitude ingênua pensarmos assim. O posicionamento metodológico pode ser outro. A noção de que as descobertas, fruto da pesquisa das manifestações religiosas, ainda não conseguem responder a todas as inquições sustenta o desafio do aprofundamento constante. Aí aparece com mais evidência o intuito de uma leitura compreensiva e não só a pretensão de solucionar matematicamente as proposições sugeridas com antecedência.

O trabalho com a religiosidade, fenômeno dinâmico, exige a suspensão

momentânea de pretensões de resposta totalizadora, que exigiriam um encaixe matemático do fato estudado. A busca de compreensão do fato estudado pode ser um passo metodológico mais condizente com tal processo de pesquisa.

O trabalho que segue volta-se para a temática da religiosidade. Tem-se a noção da provisoriedade da pesquisa. O olhar volta-se não somente para a religiosidade como fato isolado, mas como elemento ligado à história e a uma cultura.

A compreensão do fenômeno religioso exige uma percepção da temática para além do que os conceitos conseguem captar. O trabalho frente à religiosidade exige do pesquisador mais sentido de aproximação, viabilizada mais pelos conceitos e pelo que já é teoria construída do que pela ousadia da resposta totalizadora. A aproximação permite a compreensão e o entendimento do fato pesquisado. É um posicionamento metodológico mais humilde e promissor quando se está dialogando com a riqueza da religiosidade.

Estamos buscando elementos de influência da tradição religiosa africana no universo religioso brasileiro. É um tema pertinente e, ao mesmo tempo, complexo. São duas tradições religiosas extremamente ricas e distintas em si mesmas. São também marcadas pela diversidade interna. Não é tarefa fácil compreender os elementos influenciadores destes processos religiosos. A evidência transforma-se em complexidade à medida do aprofundamento do estudo. Parece-nos que a influência africana vai

na direção do que chamamos de religião popular, visto que o catolicismo romanizado tem procurado se manter incólume a uma possível influência tanto do universo religioso africano como do catolicismo popular. Não só evitou um diálogo mais profundo, como o combateu.

II - O encontro em termos de religiosidade

A deportação dos povos africanos para o Brasil respeitou a ordem econômica do colonialismo, que colocou os lucros aferidos acima da dignidade das nações indígenas e africanas. A vinda dos negros ao Brasil foi um evento traumático, e mais traumática ainda foi a experiência secular de escravidão. Estes elementos de fundo histórico influenciaram o universo religioso que foi se constituindo no Brasil colônia, estendendo-se por outras fases da nossa história e chegando até os tempos atuais.

O fato da escravidão colocou em relação a tradição religiosa dos povos africanos, dos portugueses pobres, dos povos indígenas e o catolicismo romano. Optamos por não nos adentrar na experiência dos povos indígenas. Quanto ao catolicismo romano, este não chegou a ganhar espaço no universo religioso do Brasil colônia a não ser pela obrigação dos sacramentos e da missa. Há fortes indicativos de que a relação foi mais profunda entre a tradição africana e o catolicismo popular português, mesmo que a Igreja Católica já exercesse forte influência na vida religiosa brasileira.

Recordávamos que o contato dos negros com os europeus foi de um acento traumático para os africanos. Perpassou este contato a dimensão religio-

sa. No caso dos negros, marcada pelo rompimento com as tradições africanas e, no caso dos portugueses, pela intenção de “batizar” os negros para livrá-los do “paganismo”.

Em termos de religião e cultura, desde África, vinham acontecendo as separações ou rupturas. A captura em solo africano privilegiava os jovens do sexo masculino. A quantidade de mulheres presas era inferior à de homens. Uma vez capturados, eram colocados juntos com outros já cativos, de povos e línguas diferentes. Não raras vezes, eram colocados juntos grupos que eram rivais. Chegando ao Brasil, ficavam à espera dos compradores. Como a escolha dos escravos (peças) era feita pelos senhores do engenho, estes colocavam os critérios de escolha de seus futuros escravos.

O interesse do comprador era a lei maior. Assim, famílias foram separadas, crianças arrancadas de suas mães. Nos mercados de escravos acontecia mais uma, a penúltima mistura de escravos de diversas etnias e culturas. Critérios como cultura, língua, família ou parentesco eram utilizados também pelos compradores, ou seja, por medo de possíveis revoltas, os compradores evitavam adquirir escravos de uma só família ou língua.

O contato dos povos negros com o catolicismo deu-se através do contato com a escravidão. Para os negros, num primeiro momento, escravidão e catolicismo se traduziam em experiências iguais. O conceito de conversão, biblicamente compreendido como mudança de mentalidade e de rumo (Mc 1, 4; Lc 3, 3-9), não (...) nesta realidade porque não

havia uma preocupação de fundo catequético, a não ser o batismo e a exigência de participação nas missas. Isto se dava de maneira forçada e não na espontaneidade. A conversão é fundamentalmente uma atitude livre, espontânea. É uma opção dentre outros caminhos e não caminho único.

Neste ambiente, o negro, caso não fosse ainda batizado, devia ser obrigatoriamente evangelizado, aprender as rezas latinas, receber o batismo, assistir à missa e tomar os santos sacramentos. [...] Assim o escravo, visto que era “católico”, isto é, batizado, e integrado na família do senhor, devia participar também do seu culto, observada a diferenciação racial e social, ou seja, a separação do catolicismo do branco e do negro.

O batismo era um passo importante no processo de aquisição dos escravos negros. Como Igreja Católica e Estado se confundiam, o batismo tornou-se questão legal.

Para os escravos advindos de outras regiões da África, havia um prazo de um ano após sua chegada ao Brasil para serem batizados. Aos proprietários que não providenciassem o batizado, ameaçava a prisão por trinta dias e multa. O batismo era, pois uma obrigação imposta pelo Estado.

Alguns negros capturados já vinham da África “batizados”. Muitos padres se colocavam à disposição para este serviço religioso devido à preocupação com a grande mortandade nos navios. Assim, evitavam que os negros morressem pagãos. Como chegavam aqui em péssimas condições de saúde, e muitos não resistiam e morriam, o batismo também era efetuado nos portos. Para a Igreja

Católica, mais importante que a situação desumana da escravidão era a preocupação com a morte dos negros sem a recepção do sacramento do batismo. Era necessário salvar a alma dos negros cativos. Entretanto, a “ação evangelizadora” reduzia-se ao batismo. Para além do batismo não havia outras práticas significativas de evangelização. Buscava-se a inserção dos negros nas formas do catolicismo brasileiro. Recorda-se aqui o fato da escassez de padres e o fato de os padres terem outros afazeres além do exercício do ministério sacerdotal. Muitos eram comerciantes, mineradores, executores de outros ofícios.

Somente no século XVIII, o arcebispo da Bahia demonstrou preocupação com uma catequese mais efetiva. As orientações centravam-se na preocupação com o batismo, considerado necessário à salvação. Entretanto, as orientações esbarravam na compreensão de que os negros eram boçais e rudes, sendo impossível algo mais aprofundado em termos de catequese católica. Era uma leitura a partir da cultura européia de orientação cristã católica. Acrescentam-se a dificuldade com a língua e o descuido dos senhores com a catequese dos escravos. Não esqueçamos que muitos escravos de religião islâmica (alguns vindos da Nigéria) se recusaram a seguir os preceitos cristãos.

Mesmo com as dificuldades de catequese, o culto católico funcionava como um forte transmissor da ideologia do escravagismo. Os padres, capelães dos engenhos agiam como defensores do sistema escravista e do senhor do engenho. A missa dominical completava de forma persuasiva o trabalho do “feitor” em manter os negros sob o jugo da escravidão.

Ainda no início do século XIX, dizia-se que a disciplina da fazenda se fundamentava em dois pilares: a do feitor, fiscalizando o trabalho com seu chicote, e do capelão, enfraquecendo o espírito de revolta com sua pregação.

Todos os que moravam no engenho participavam da missa, situando-se, porém em lugares previamente determinados no espaço da capela. Jamais um negro ficava no mesmo espaço dos brancos. Os negros eram considerados católicos de segunda categoria.

Vê-se a diferença da “evangelização” dos negros em relação aos povos indígenas. O encontro com a cultura européia foi traumático para as duas culturas. Contudo, a relação da Igreja com os indígenas era perpassada algumas preocupações. Lembramos a luta pela não escravização e a catequese. Houve vozes internas na Igreja que se levantaram contra a escravização dos indígenas. Raros foram os defensores dos negros. Poucas foram as ordens religiosas que não eram proprietárias de escravos.

Não só os religiosos admitiam como fato indiscutível a legitimidade da escravidão, como também eles mesmos a praticavam. As diversas ordens religiosas e os conventos de freiras possuíam escravos.

Destacamos alguns elementos na esfera cultural e religiosa do encontro da cultura africana com a cultura européia. Alguns já foram mencionados anteriormente. Sugerimos estes destaques pelo fato de eles caracterizarem melhor o encontro da cultura africana com a cultura européia no solo do exílio dos africanos, as terras brasileiras.

a) Marca da violência a violência física da captura e posterior escravidão, a violência da ruptura geográfica e cultural em relação às terras africanas. A transposição da África para o Brasil aconteceu com o cuidado dos traficantes e senhores de engenho em cortarem qualquer laço ligado à vida no continente africano. O batismo poderia ser compreendido como a inserção (parcial) dos negros na religião e cultura dos escravagistas. O ato religioso do batismo referenciava a violência do processo econômico da escravidão.

b) Não evangelização os negros aqui chegados foram batizados sem um processo mais profundo de evangelização. O contato com o catolicismo oficial era complementado com a participação na missa de domingo dia também de folga no trabalho no eito. Ao negros não foi permitido um conhecimento mais profundo da tradição católica.

c) Teologia da escravidão a Igreja, além de ser proprietária de escravos, procurou construir um aparato teórico (teologia) que justificasse a escravidão. O mesmo Pe Antônio Vieira que condenava a escravidão indígena justificava teologicamente a escravidão africana.

d) Negação da tradição religiosa africana se não havia um aprofundamento na catequese católica, não havia, porém, liberdade de culto aos povos negros. Aos negros não era permitida qualquer forma de manifestação religiosa que não a dos senhores brancos. Aprofunda-se a ruptura com a matriz africana. Para a Igreja, qualquer forma de manifestação religiosa não cristã era considerada algo demoníaco. Não havia como os negros resgatarem a matriz religiosa vivida na África. Estavam dispersos, convivendo

com gente de tribos diferentes (algumas até inimigas entre si), com tradições diferentes e falando línguas diferentes. A vigilância dos senhores e da Igreja também era um obstáculo. Ressalta-se também a confusão dos negros em termos de referenciais religiosos pela perda de conteúdo e pela pregação anticulto afro de parte dos colonizadores.

e) Mudanças no culto dos orixás aconteceu primeiramente pelo fato de a transposição da África para o Brasil ter implicado a perda de muitos orixás que eram cultuados na África. Os orixás conhecidos no Brasil representam uma parte dos que existiam no universo religioso africano. Outro elemento importante foi a perda de consistência teológica e ritualística da religiosidade africana.

f) Distinção entre religião e sociedade na África, a cultura e a religião eram representativas de toda a vida e de toda a sociedade. No Brasil, a cultura africana passa a representar apenas um segmento da sociedade, e um segmento marginalizado. Se na África a religião produzia o sentido de vida para todos, aqui no Brasil o processo sofre um reducionismo, não é a manifestação do grupo étnico como um todo, mas de determinada classe social. E a pertença a uma ou outra classe social é determinante na sociedade escravagista.

III - A influência mútua entre religiosidade africana e brasileira

Contudo, as adversidades, o aparente hiato entre o povo africano e o catolicismo oficial, não impediram que houvesse um processo de influência mútua mediada pelo catolicismo popular. Alguns elementos da tradição religiosa africana se fazem presentes no nosso uni-

verso religioso. Salientamos que, para o povo africano, cultura e religião não são grandezas isoladas, fazem parte do mesmo universo.

Os valores culturais africanos que são necessariamente religiosos são vividos na simbiose com as práticas católicas, constituindo um verdadeiro catolicismo inculturado negro-brasileiro. As raízes das culturas afro-americanas são extensas e de uma riqueza singular.

A não distinção entre cultura e religião é uma das características da tradição religiosa africana, e este acento foi transmitido para o catolicismo popular brasileiro. É uma salvaguarda frente ao risco de se fazer uma leitura a partir da distinção entre cultura e religião.

O contato entre religião afro e catolicismo gerou transformações em ambas as esferas. A experiência religiosa do homem branco foi repassada basicamente através do catolicismo popular trazido ao Brasil pelos portugueses pobres. Sugerimos, então, a influência não em termos de Igreja Oficial, mas na esfera da religiosidade popular. O batismo e a assistência da missa, elementos do catolicismo oficial, não tiveram tanta penetração na consciência dos negros como as formas de religiosidade dos brancos pobres. O culto aos santos é um indicativo desta influência.

3.1 - A não contradição

Para os negros, o encontro com o catolicismo, apesar do invólucro violento, não implicou consciência de contradições. De forma geral, houve aceitação do catolicismo. A violência da coerção da Igreja e dos senhores certamente contribuiu para o “acostumar-se” com o culto

católico. Porém o contato diário com os brancos pobres cimentou uma forma diferenciada de prática, esta mais afetiva e marcada por um viés de liberdade. Era uma experiência aceita com tranquilidade.

O catolicismo é aceito como fazendo parte da realidade brasileira e não julgado contraditório à religião africana, pois há entre esses domínios o corte que faz com que, para o negro, um e outro sejam verdadeiros em seus respectivos mundos e não haja entre eles senão correspondência.

A aceitação do catolicismo deve-se também, além da leitura da não contradição, ao fato de o sistema escravagista colonial ter apresentado “rachaduras” que permitiram que os negros recuperassem, ao menos parcialmente, os referenciais religiosos rompidos por ocasião da diáspora africana. E ali estava o elemento de resistência, pois, em nível de consciência e na prática, alguns elementos da tradição branca foram transfigurados e transformados através da reinterpretação dos elementos da tradição católica. Como dizia Arthur Ramos, “habitado naquela e obrigado por esta, ficou com as duas crenças”. Esta reconstrução da religiosidade negra em outro cenário, o do exílio, acabou por marcar a tradição católica popular brasileira, somada à vertente portuguesa e indígena.

Alguns autores conceituam esta influência mútua como sincretismo que também se transformou em dupla pertença.

3.2 - Sincretismo e dupla pertença

Por sincretismo entende-se a tendência de reunir elementos de várias religiões recompondo-os em uma unidade

híbrida. A conceituação de sincretismo é muito complexa, e não há unanimidade em torno de uma só definição. Tem a ver com a idéia de “influência mútua” entre religiosidade negra e o catolicismo popular nas terras brasileiras. O encontro das religiões indígenas, das africanas e do catolicismo popular branco foi gerando diferentes vertentes de experiência religiosa particularizadas, dependendo da região do Brasil onde se deu este encontro.

A experiência não é a mesma e não acontece com a mesma intensidade em todo o Brasil. Ela é diferenciada, dependendo da região. Mesmo que tenha acontecido a influência mútua, a variante católica e a variante afro-brasileira seguiram outros caminhos e não somente o da hibridação, como sugere o sincretismo. Ainda hoje há desdobramentos em relação a estas duas totalidades religiosas.

O conceito de sincretismo ajuda na compreensão, porém exige um passo a mais, pois não conseguiria explicar as diferentes manifestações religiosas experienciadas em solo brasileiro. É um conceito parcial. Responde a uma parte do processo. Surgem críticas ao conceito de sincretismo afirmando que é um conceito que se estrutura privilegiando uma diferenciação entre religiões inferiores e superiores, acentuando um viés da relação entre dominantes e dominados.

Outro elemento importante neste processo de encontro é a dupla pertença. Muitos descendentes dos povos africanos freqüentam os cultos afro e participam ativamente da comunidade católica. Não vêem contradição nesta dupla pertença. É uma experiência religiosa com dois núcleos fundantes, o catolicismo e o culto africano.

IV - Conclusão

No decorrer da leitura da realidade religiosa que foi exposta através do texto, podemos perceber algumas problemáticas que nos tocam em termos de religiosidade. A diversidade religiosa brasileira está plasmada de historicidade. Quando silenciarmos a história, pagamos um preço que é incalculável. Esquecer-se do passado é aniquilar, sem proveito pedagógico, os seus erros e também acertos. A amplitude da riqueza religiosa brasileira nos ensina que quanto mais complexa ela é, mais rica e construtiva pode ser para o desenvolvimento de atitudes de tolerância e diálogo mútuo. Pesquisar, escrever e fazer estudos sobre religião é deparar-se com questões que estão sempre nos levando a novas descobertas que se fazem antídoto contra um posicionamento pragmático e unilateral.

Notas

1 Este artigo é parte de um texto mais longo sob o mesmo título publicado na revista *Caminhando com o Itepa*, ano XXI, n. 74, setembro de 2004 – Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo.

2 Pe. da igreja Católica, Mestre em Teologia Pastoral – professor do Instituto de Teologia e Pastoral de Passo Fundo nas áreas de Metodologia e Prática Pastoral e Religião e Sociedade.

3 Graduando do Bacharelado em Teologia pela Escola Superior de Teologia de São Leopoldo – membro do grupo de pesquisa Identidade.

4 Sobre este tema ver: Pedro A. Ribeiro de OLIVEIRA, *Religião e dominação de classe: gênese, estrutura e função do catolicismo romanizado no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1985.

5 Volnei J. BERKENBROCK, *A experiência dos orixás: um estudo sobre a experiência religiosa no candomblé*, p. 83.

6 Cf. Ralfy Mendes de OLIVEIRA, *Vocabulário de Pastoral Catequética*, p. 49. O autor trabalha com o conceito “conversão” sinonimizándolo com mudança de vida, ato de deixar um comportamento atual para começar um novo. É um processo permanente e contínuo, no qual a catequese desempenha um papel importante.

7 Franziska C. REHBEIN, *Candomblé salvação: a salvação na religião nagô à luz da teologia cristã*, p. 65.

8 Volney J. BERKENBROCK, op. cit., p. 97.

9 Cf. Raimundo CINTRA, *Candomblé e umbanda: o desafio brasileiro*, p. 100.

10 Franzisca C. REHBEIN, op. cit., p. 65.

11 Raimundo CINTRA, op. cit., p. 105-106.

12 Sobre este tema poderia se aprofundar na obra de: Antônio VIERA, *Sermões*, especialmente o número 27. Volney J. BERKENBROCK, op. cit., p. 106ss; José Oscar BEOZZO, *História da Igreja católica no Brasil*, p. 140ss, in *Curso de Verão*, ano III.

13 Cf. Franzisca, C. REHBEIN, op. cit., P. 66. O culto foi equiparado e confundido com feitiçaria. Vetavam-se reuniões por aparecerem aos olhos dos cristãos como manifestações demoníacas.

14 Cf. Volney J. BERKENBROCK, op. cit., p. 112s.

15 Esta questão será aprofundada quando tratarmos a experiência do sagrado.

16 Este conceito “brasileira” pode parecer impreciso. É usado por ser de mais fácil compreensão no texto.

17 Antônio Aparecido da SILVA, *Cultura negra e evangelização*, p. 106 in: José Oscar BEOZZO. (org), *Curso de Verão*, ano V.

18 Arthur RAMOS, *O negro brasileiro*, p. 148.

19 Ver *Revista Sem Fronteiras. Religiões afro-brasileiras: caminhos de diálogo e compreensão*, número especial, julho de 1994.